



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico Talhava — Lisboa • Telefone?

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

PREÇO 5 CENTAVOS

Sexta-feira, 8 de Outubro 1920

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## GREVE REVOLUCIONÁRIA?

### Notas de além fronteiras

#### O povo polaco é contra a guerra

Mais uma vez se agita a opinião sim-pista com estas duas palavras: «greve revolucionária». Com que fim? com o que está à vista: prender, perseguir, encarcerar.

Sempre que acontece várias classes, sobretudo das mais numerosas, lançam-se em greve simultaneamente logo code aos lábios dos governantes e dos burburinhos da imprensa de grande informação a palavra que, em regra, encontra o seu receio: é combinação, é complô, e o inicio da insurreição proletária contra o latrocínio burguês principal a bairar-lhes no cérebro, tão sciencas estão que só a injustiça representa e defendem e que a hora do ajuste de contas poderá surgir dum momento para o outro... com a simples proclamação dum greve.

Tudo isto — e o mais que não é necessário repetir porque todos o sabem — compreende, posto que a função dos governos é a de defender o Estado; e como este encarna o princípio fundamental do regime burguês, natural é que ponha em movimento todos os seus serventários, não só subvertendo com um pequeno abalo. Também se compreende a atitude da imprensa, salvo co o que a maioria dos jornais pertence a empresas comerciais e financeiras, e outros representam os senhores dos partidos políticos serventários do Estado.

São, portanto, valores que se entendem. Mas, se é lógico, burguesemente falando... que os governantes se arretem de fantasmas que a sua imaginação concebe, dado que estão desorientados com a sua própria obra cujos feitos são contrários aos que esperavam, outro procedimento deveria haver por parte, senão de todos os jornais, pelo menos daquela parte que se situa dos seus nobres e honestos profissionais de combate.

Quando, como agora, se trata de greves, todos à una voz fazem círculo e pelo mesmo diapasão afinam na crítica desonesta, não se distinguendo os Mayores, republicanos da fina flor, dos Nenos, monárquicos e reacionários.

A honestidade dos seus processos jornalísticos estaria, não na injúria ultrajante e descabelada, na acusação infundada e insensata, em previsões téticas e infantis, mas na apreciação desapixonada dos factos, na determinante lógica das greves, procurando des cortinar quais são os seus verdadeiros causadores e criticar então com conhecimento de causa.

Não é, porém, essa a sua orientação, nem a burguesia interessada lhes paga isso. Conhecedores um pouco da sociologia do que foram, as multidões, procuram enganá-las sempre e através de tudo, supondo que estas estão ainda a meninice. Vivem num mundo diferente e presumem que já são acreditadas.

Conseguiram, em tempos passados, car a água ao seu moinho. Mas os factos sucedem-se e são estes que melhor ensinam as multidões a reflectir e ver as coisas por um prisma diferente aquele que é agitado pela imprensa e pelos políticos.

Estes factos, que se sucedem quase interrompidamente, já não foram obra dos chamados meneurs, de agitadores, mas só consequências naturais da mortífera da finança, do assentamento e da opressão dos governos.

Não o ignoram os que procuram definir as classes que são, arremessadas para a greve. Mas não está mais na sua mão. Comprometido o que lhes é determinado pelo patrón, ou pelo seu próprio interesse.

Se as classes se lançam em greve para reclamar aumento de salário, em vez de condenarem o encarecimento dos produtos ou dos transportes, que se sucede com aquele pretexto, diriam-se a essas classes como gato a rato, acusando-as de causadoras, da luta que outras exercem, como se os operários só dessem trabalhar e sofrer. Agora que algumas classes declaram a greve por uma questão de ordem moral, — porque tem dignidade, porque tem carácter, porque sentem, visto que também são filhos de boa gente — alegam que nem sequer as motivam qualquer aumento de salário.

E como as classes em luta são, na maioria, dos transportes — vê de as usar de quererem matar a população de Lisboa à fome.

Isto é simplesmente indigno e revolto, e mais exacerba as classes de transporte em litígio, posto que as acusações de intenções que jamais tiveram.

## Os ferroviários do Sul e Sueste

### Quadros tipográficos dos jornais

#### O governo inglês modifica mais uma vez a sua atitude

Na sede da Federação do Livro e do Jornal, pelas 18 e meia horas, reuniram hoje os delegados dos quadros tipográficos dos jornais de Lisboa, para tomar resoluções sobre vários assuntos urgentes e de extrema importância. — Rádio.

M. J. SOUSA.

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

•••••

